

# Fim dos trilhos?

Depois de muitos anos de abandono, antigas estações ferroviárias do interior de São Paulo transformam-se em museus e centros culturais. **PAG 8**

Valdir Montanaro



Além de carga, vagões também carregam história e levam a tradição das linhas férreas do interior de São Paulo para os amantes dos trilhos

## Rádios

Rádios de São Carlos, Araraquara, Ibitinga e Matão trazem repertório musical diferenciado e fogem do estilo comercial, tocando Música Popular Brasileira, Bossa Nova e outros estilos. **PAG 3**

## Bandas

Bandas independentes da região enfrentam falta de dinheiro, escassez de casas de show e desaprovação da maioria para nadar contra correnteza e sobreviver no cenário musical. **PAG 5**

## Cultura na Classe C

Boa parte da nova classe média do Brasil procura mais diversidade no âmbito cultural e se assemelha ao estilo de consumo dos EUA. **PAG 4**

Valdir Montanaro



Estudante de engenharia da computação procura opções de cultura

## Queridinhos do Brasil

Arroz e feijão, a combinação mais famosa do país, é a mais lembrada popularmente; pratos trazem benefícios à saúde e história. **PAG 8**

Artur Francischi



Operadora de logística não dispensa o arroz e o feijão do dia-a-dia

## Arte moderna

Exposição "Território da Arte" terá foco na Semana da Arte Moderna. Evento dá oportunidade para que os artistas locais possam divulgar seu trabalho e ter reconhecimento da sua obra. **PAG 4**

## Quermesse

Cidades da região ainda mantêm tradição de realizar quermesses. Festa reúne muitos fieis e ainda levanta recursos para as paróquias de Araraquara, Tabatinga, Matão e outras cidades. **PAG 6**

# Mangá é arte cada vez mais admirada entre adolescentes de Araraquara

Criada no Japão, a arte vem se popularizando entre os jovens

Repórter **Amanda Nogueira**

Imagine você nas ruas da sua cidade e de repente dá de cara com um grupo de bonecos japoneses andando tranquilamente entre as pessoas. Em alguns lugares, isso já é real, e não é de hoje que alguns jovens se vestem e muitas vezes se comportam como personagens do mangá.

Nascido no Japão, o mangá se tornou um fenômeno graças aos jovens que se identificam com os cabelos coloridos, roupas diferentes e maquiagens chamativas que o estilo apresenta. Comum no Oriente, a prática de se transformar em personagem de desenho animado vem tomando conta de países ocidentais.

Dois jovens de Araraquara, fanáticas pelo estilo, estão se aprofundando no conhecimento dessa forma de arte. Elas colecionam revistas, fotos de personagens, jogos para videogames, participam de convenções e ainda fazem aulas de anime.

A paixão pelo desenho está presente desde a infância em Sabrina Nogueira, de 15 anos. “Comecei a me apaixonar pela arte quando tinha mais ou menos 8 anos de idade, assistindo aos desenhos ‘Sakura

Card Captors’ e ‘Dragon Ball Z’ antes de ir para a escola”, conta.

Para Sabrina, o que chama atenção são as histórias, já que são diferentes das convencionais nos livros, na televisão e nos gibis. A maioria das personagens possui poderes especiais e os traços também preservam peculiaridades como os olhos grandes.

Luciane Micheletti, de 16 anos, ainda vê o mangá como uma nova descoberta. Ela sempre gostou de música clássica e conheceu a arte japonesa através de amigos. Segundo Lucy (como prefere ser chamada) o mangá é fascinante. “As histórias conseguem prender a atenção do leitor por serem diferentes das que estamos acostumados; e o fato de poderem se inspirar em seus personagens favoritos torna as histórias cada vez mais reais”, completa.

O maior evento sobre o assunto é a “Anime Friends”, que acontece anualmente em São Paulo. Na região, a cidade de São Carlos oferece aos fãs o “Anime Sanca Fest”, parecido com o da Capital, com workshops, palestras, torneios de jogos e venda de revistas, tornando-se uma opção mais acessível para moradores do interior.



Sabrina Nogueira, estudante fanática por Mangá

## Novas formas de expressão artística se popularizam na internet

Memes foram criados em 1976 e hoje fazem sucesso em redes sociais

Repórter **Rodolfo Fernandes**

Manifestações artísticas e de expressão são cada vez mais populares na internet. Os chamados “memes” já fazem parte da cultura de quem usa mídias sociais. Antes produzidos por designers e agências de propaganda, acabaram se tornando uma nova forma de expressão dos internautas, que estão criando e divulgando espontaneamente as suas próprias criações.

O termo “meme” foi usado pela primeira vez por Richard Dawkins no livro “O Gene Egoísta”, publicado em 1976, e veio da palavra grega “mineme”, que significa “o que é imitado”. E é isso o que se tornou, na forma de uma inteligente e divertida forma de expressão artística, que pessoas comuns adotaram para se manifestar e criticar comportamentos e problemas sociais.

As expressões ou fotos que são adaptadas para as mais diversas situações, com inclusão de textos, ou em forma de tirinhas, normalmente fazem referência a fatos de grande repercussão ou a comportamentos comuns. A exemplo das tradicionais caricaturas dos jornais e revistas, os memes

exageram as situações com uma boa dose de humor. Estão presentes em sites, blogs e outras redes sociais, mas é no Facebook que encontram maior aceitação.

É comum confundir os memes com virais, mas a grande diferença é que enquanto os virais são mídias repassadas em sua forma original, os personagens dos memes são apropriados pelo internauta que os edita e, assim, cria seu próprio trabalho.

Segundo o estudante de Ciências Sociais pela Unesp/Araraquara, Yago Yan Chechi, os memes são uma forma de expressão válida. “Ele tem uma característica popular e que pela simplicidade da produção, dá voz a pessoas que jamais conseguiriam se manifestar por outra forma”, explica.

É o caso de Viviane Prativiera, grande entusiasta dos memes, mas sem nenhum conhecimento em programas de edição de imagens. Após ver um caso que lhe chamou a atenção, resolveu produzir o seu. Utilizando técnicas simples de colagem, após algum tempo já tinha o seu trabalho pronto e compartilhado na rede, o que lhe rendeu grande satisfação ao vê-lo sendo reconhecido e compartilhado.



### EXPEDIENTE

O Jornal Vitral é um projeto laboratorial experimental, produzido pelos alunos do 3º ano do curso de Jornalismo do Centro Universitário de Araraquara – Uniara, no âmbito das disciplinas “Design e Produção Gráfica”, “Redação e Edição em Jornalismo Impresso” e “Fotojornalismo”. A partir desta edição, o Vitral passa a circular como encarte bimestral do jornal Tribuna Imprensa, resultado de uma parceria entre o Centro Universitário de Araraquara – Uniara e a Empresa Jornalística Tribuna Araraquara Ltda.

**Reitor:** Prof. Dr. Luiz Felipe Cabral Mauro

**Chefe do Departamento de Ciências Humanas e Sociais:** Prof. Dr. Mivaldo Messias Ferrari

**Coordenadora do Curso de Jornalismo:** Profª Me. Elivanete Zappolini Barbi

**Professores Orientadores:** Fabricio Mazocco (design gráfico), César Mulati (fotojornalismo), Luiz Carlos Messias da Silva (Reportagem, Redação e Edição)

**Secretário de Redação:** Artur de Francischi Haddad

**Editores de Texto:** André Luis Dias, Pamela Tamires Cadamuro e Paula dos Santos.

**Editores de Fotografia:** Marcos Leão e Viviane Prativiera.

**Repórteres:** Amanda Nogueira, Ana Paula de Souza, Artur de Francischi Haddad, Débora Camargo, Diego Gibertoni, Fernanda Vilela, Gianfrancesco Rocha Bariani, Isabela Mendes, Jean David Cazellotto, Jéssica Palácio, Marcela Cioffi, Marcos Leão, Matheus Carvalho, Natália Pirola, Rafael Zocco de Camargo, Rodolfo Fernandes da Silva, Valdir Montanaro, Vinícius Bosquete de Almeida, Viviane Prativiera.

Centro Universitário de Araraquara – Uniara: Rua Voluntários da Pátria, 1.309 – Centro. Araraquara/SP. CEP 14801-320. Fone (16) 3301-7100.

Encarte do jornal “A Tribuna Imprensa” - Araraquara - SP.

# São Carlos é referência em história cinematográfica na região

Cinema de rua fez sucesso no século XX e continua atraindo público na cidade

Repórter **Fernanda Vilela**

Na contramão de muitas cidades do Brasil, São Carlos mantém a tradição e preserva a essência do cinema de rua. O Cine São Carlos, como é conhecido hoje, exhibe filmes do circuito nacional e também serve de palco para eventos voltados à cultura, como o Festival Contato, além de atividades como a Semana da Consciência Negra, que ocorre todos os anos no mês de novembro.

O historiador Marco Bala afirma que, ao contrário do que muitos pensam, não foram as universidades presentes na cidade (USP e UFSCar) que introduziram tradição do cinema. A primeira sessão exibida em São Carlos ocorreu no dia 10 de outubro de 1897, época em que o café era a principal atividade econômica da região.

Segundo o historiador, a cidade era um pólo ferroviário de distribuição de café, o que trouxe a São Carlos, também, a modernidade. “Havia muitos intelectuais no local e a cidade sempre esteve ligada à política nacional”, explica Bala.

O Cine São Carlos surgiu do Teatro São Carlos. Esse local foi transformado em uma sala específica para cinema, tornando-se então o Cine São Carlos, que funcionou até a década de 1970, quando foi demolido.

## O cinema de hoje e o de ontem

Marco Bala, que viveu o auge do cinema em São Carlos, acredita que o propósito do cinema contemporâneo mudou. “O cinema hoje não tem aquela dinâmica do pessoal se reunir e discutir questões técnicas ou o conteúdo. Há 30 anos, o cinema era um objeto de estudo e hoje é uma forma de entretenimento, a essência mudou muito”, conta.

Em contrapartida, o estudante de Jornalismo Luan Emilio, 22 anos, é apaixonado por cinema. “Eu gosto de ir ao cinema porque é uma coisa que eu faço desde pequeno. É um lugar onde posso ter acesso a vários tipos de cultura e não é à toa que é conhecido como a sétima arte porque ela engloba todas as outras; eu viajo em histórias”, explica.

## Prefeitura de São Carlos

A Coordenadoria de Artes e Cultura da Prefeitura de São Carlos criou, em 2005, o projeto Cinema para Todos, promovendo sessões especiais no Cine São Carlos e divulgando a programação em cinemas e cineclubes da cidade, com o objetivo de democratizar o acesso à produção cinematográfica.

## Cine São Carlos

O Cine São Carlos fica na Rua Major José Inácio, 2154, centro. O telefone para contato é o (16) 3307-6006. Os preços das entradas variam entre R\$ 3 e R\$ 8. As sessões são diárias.



Fachada do Cine São Carlos, localizado no centro da cidade

Nas ondas do rádio

## Rádios da região investem em programação diversificada

Repórter **Débora Camargo**

Ouvintes de rádio da região de Araraquara encontram outros sons além do sertanejo universitário e do pop/rock internacional, gêneros que predominam na maioria das emissoras. Apesar de pouco divulgadas, existem várias opções de programação musical e cultural nas rádios da região, como a MPB, o jazz, o blues, a bossa nova e até o reggae, entre outros estilos.

A reportagem do **Vitral** fez uma pesquisa e constatou que existem diversos programas musicais nas emissoras da região. São estilos bem interessantes como o programa “Outras Frequências”, veiculado pela 99,3 FM (Rádio Ternura FM), da cidade de Ibitinga-SP, que apesar de ser um programa de rádio comercial, traz outras propostas que não fazem parte do que é veiculado pela maioria das emissoras.

O programa simula uma mesa de botequim e é voltado para assuntos sobre música, cinema, literatura, artes e política. Os temas são discutidos e debatidos de forma leve, agradável e descontraída. Idealizado por um grupo de quatro amigos amantes do rádio, tem como apresentadores e roteiristas Eduardo Coleone, Flavio Catalano, Marcio Scheel e Marcel Lamarca. Em mais de 150 edições, o programa já contou com convidados ilustres da música brasileira como Kid Vinil, Kiko Zambianchi, Ceumar, Simony, Biquíni Cavado, Wilson Sideral, Silvio Brito, Paulo Carvalho (da banda “Velhas Virgens”) e muitos outros personagens com grande expressão.

De acordo com Coleone, o diferencial da programação é que ela conta com estilos de músicas como a MPB, blues, bossa nova, rock e outros que não são tocados nos outros programas da rádio.

Além do “Outras Frequências”, da ci-

dade de Ibitinga, também existem opções de programação alternativa nas cidades de Araraquara, Matão e São Carlos.

Em Araraquara, os ouvintes têm uma variedade de emissoras e conseguem encontrar programas musicais diversificados como, por exemplo, o apresentado pela Rádio Universitária Uniara FM 100,1 que tem caráter educativo. A programação da emissora é feita por funcionários, alunos e ex-alunos da Uniara e também abre espaço para os cidadãos em geral criarem projetos e proporem programas para determinados estilos musicais.

A rádio foca uma variedade de estilos que não são encontrados em outras emissoras comerciais. Na grade da Uniara FM, o “Musicaria” tem foco na nova MPB. O programa “Pipoca e Nanquim” conta a história do cinema e das revistas em quadrinhos. Outros programas divulgam da Bossa Nova Brasileira ao reggae jamaicano, como no “Jamaica Paulista”.

Segundo a supervisora de operação da Uniara FM, Tatiana Regiano Mendonça, a proposta da rádio é mostrar, através da música e dos programas específicos, a cultura e a história de um povo. “Queremos mostrar que a música não é só um conjunto de ritmos e letras jogadas. A MPB tem toda uma história e algumas músicas foram compostas em momentos que marcaram o rumo do nosso país, como no caso da ditadura, quando as letras eram utilizadas como forma de protesto”, relata Tatiane.

Matão também possui algumas rádios na cidade, porém, a Rádio Comunitária Educadora FM 104,9 tem em sua programação diversos estilos, como músicas religiosas, flash back dos anos 70, 80 e 90 e MPB. Dentre a diversidade da programação, destacam-se o “Cantinho da Alegria”, que traz atrações para o público infantil, mães e as famílias em geral; e o “Músicas de Sempre”, que propaga gêneros instrumentais.

A locutora e assistente administrativa da Rádio Educadora Matão, Daniela Moraes, explica que a emissora não se preocupa em ser a maior ou a melhor, mas sim em ser a opção diferente. “Nós atentamos para a questão da diversidade, por isso não nos prendemos só ao comercial, temos várias opções na programação para todo público ouvinte”, expõe.

Outro grande diferencial da região fica na cidade de São Carlos, onde a rádio UFS-Car 95,3 FM propõe uma grade diversa e

atenada com as novidades que surgem no cenário independente em todo o mundo e que não faz parte da cultura popular.

De acordo com Ricardo Rodrigues, diretor geral da emissora, um dos grandes diferenciais da rádio é que “a qualquer momento você pode ouvir algo inesperado, mantendo os ouvidos vivos e atentos. Porém, temos grande preocupação em manter a coerência e não afastar os ouvintes com músicas de estilos extremos”, enfatiza Rodrigues.

## Cineclube de São Carlos completa 30 anos

Cineclube CDCC oferece oportunidades de conhecer culturas do Brasil e do Mundo

Repórter **Ana Paula de Souza**

O Centro de Divulgação Científica (CDCC) de São Carlos foi fundado em 1982 e desde então atrai o público de todas as idades. Por ser uma instituição sem fins lucrativos, o objetivo é apenas disseminar cultura aos frequentadores, que são, em sua maioria, estudantes universitários.

O cineclube é considerado o mais antigo da cidade. No início, estava vinculado ao Instituto de Física e Química, da Universidade de São Paulo (USP), mas hoje sobrevive com recursos próprios. Estudantes, que ganham “bolsa trabalho”, operam equipamentos e administram o espaço.

O cineclube foca em todos os tipos de público e realiza a divulgação com cartazes nas escolas, veiculação em revistas, jornais e emissoras de televisão da cidade. No início, o prédio já chegou a lotar e receber plateia de aproximadamente 150 pessoas,

porém, atualmente o público é menor, podendo chegar a 40 espectadores.

Para o operador de áudio José Braz Mânia, que trabalha no local desde 1989, o diferencial do cineclube é atrair um público que se interessa por cinema e despertar o interesse da sociedade para discussão de filmes. “Como os filmes comerciais estão com um preço muito acessível hoje em dia, as pessoas que querem adquirir uma bagagem cultural acabam procurando o cineclube”, conta.

A estudante de biologia Natália Carolina, de 20 anos, conhece o cineclube desde que tinha quatro anos. “Amo assistir aos filmes no local, pois são sempre voltados a acrescentar algo de importante na nossa cultura e conhecimento”, diz. Para Natália, o local sempre foi importante para quem quer aprender sobre a cidade. “Acredito que as futuras gerações serão muito beneficiadas, pois têm a seu favor um verdadeiro mundo de conhecimentos localizado logo ali, no coração da cidade de São Carlos”.

# Pesquisa revela aumento de consumo de itens culturais pela nova classe C

Cidades menores do interior não se enquadram nas estatísticas e enfrentam dificuldades

Repórter **Valdir Montanaro**



Valdir Junior, universitário

A boa fase da economia que o Brasil está passando reflete no maior poder de consumo por parte da nova classe média. Além dos itens de alimentação, vestuário e higiene pessoal, os novos consumidores também procuram diversidade no âmbito cultural. Mais que ficar em bares bebendo, os recém chegados ao mundo do consumo querem também ver um bom filme num cinema, uma boa peça teatral e até o show do grupo musical predileto.

Segundo a Fundação Getúlio Vargas (FGV), uma família é considerada de classe média (classe C) quando tem renda mensal

entre R\$ 1.115 e R\$ 4.807. A classe média emergente representa 53,8% da população e o Brasil se tornou um país de classe média, similar aos Estados Unidos. Esta classe é composta, hoje, por 91,8 milhões de brasileiros.

Dados do Anuário de Estatísticas Culturais 2009, divulgado pelo Ministério da Cultura, mostram que no quesito consumo cultural, quanto maior o grau de escolaridade, maior o consumo. Também há um maior consumo cultural entre aqueles com maior renda. (Veja nas

tabelas desta página).

As tabelas mostram que a nova classe média lê pelo menos um título de jornal por semana, vai ao cinema uma vez por mês e marca presença diante da TV por assinatura durante 5 horas ou mais na semana.

Segundo o economista gestor de sustentabilidade do grupo Coletiva Colombina, Evandro Duarte de Camargo, que promove eventos culturais em Taquaritinga (SP), as pessoas estão abrindo a cabeça e procurando outras atividades culturais, como teatro, cinema e exposições. Acontece que faltam tais atividades, principalmente em

cidades menores, onde a maior parte do recurso financeiro destinado à cultura é aplicada em duas ou três festas anuais, como o carnaval e a festa da cidade. “A cultura nunca é prioridade para os governos municipais”, observa Camargo.

De acordo com a produtora cultural Zilda Mayo, de Araraquara (SP), entre os anos de 2000 a 2006, as pessoas frequentavam mais os teatros; hoje até vão, no entanto o que está em alta, principalmente entre os estudantes, são os shows musicais e as apresentações do tipo *stand-up*.

Ela comenta que a classe média está aproveitando este bom momento de consumo que o Brasil atravessa buscando essas atividades culturais. Observa que existem várias opções culturais no município, mas a variedade de opções se deve às pessoas e grupos que promovem com a ajuda de patrocínios, pois ainda não há o correspondente apoio por parte dos governos.

O gerente operacional Valcir de Oliveira Lima, de Tabatinga (SP), acha que o acesso à cultura não tem a ver com o poder de compra, mas sim

de oportunidades. Ele diz que sairia bem mais barato uma sessão de cinema, ou de teatro, do que um baile. “O que falta é incentivo público. Veja a região Norte-Nordeste, onde são feitos eventos nas ruas e praças”, ressalta Lima.

Já para o escritor Paulo Rafael Botter Franco, de Ibitinga (SP), o que a classe C gosta de consumir em geral é o que está na moda, seja estilo musical ou outro tipo de cultura. “Com a era digital, a maioria das pessoas tem computadores dentro de casa e podem desfrutar de diversas atividades”, acredita o escritor. Por isso, a oferta de eventos abertos é menor nessas cidades.

DEMANDA POR CULTURA X ESCOLARIDADE

(Em percentual)

	1º grau incompleto	1º grau completo	2º grau completo	Superior completo
Jornal	19	35	44	68
TV aberta	4,47	6,79	13	40
Cinema	4,08	3,99	12	34

Fonte: Anuário de Estatísticas Culturais 2009 do Ministério da Cultura

DEMANDA POR CULTURA X RENDA

(Em percentual)

	Entre R\$ 1.200 e R\$ 1.499	Entre R\$ 1.500 e R\$ 1.799	Entre R\$ 1.800 e R\$ 2.099	Entre R\$ 2.100 e R\$ 2.399	Entre R\$ 2.400 e R\$ 2.999	Entre R\$ 3.000 e R\$ 4.499
Jornal	54	63	60	69	70	69
TV aberta	23	27	22	30	30	41

Fonte: Anuário de Estatísticas Culturais 2009 do Ministério da Cultura

## Mostra reúne peças com imagens que representam temas religiosos

Cientista social afirma que imagens, representadas pelas obras, reforçam a fé dos religiosos

Repórter **Isabela Mendes**



Exposição no SESC Araraquara

A exposição “Manifestações da Fé – Arte Popular no Acervo SESC de Arte Brasileira”, baseada nas imagens e representações do sagrado, está aberta na unidade de Araraquara até 10 de junho. A mostra apresenta peças de artistas de todas as partes do país, como Stênio Diniz, Mestre Deda, Manuel Labareda e José Anjo.

Os trabalhos expostos incluem xilogravuras, esculturas e imagens de santos. Os estilos variam predominantemente entre o realismo e o barroco.

Segundo o cientista social Edmundo Alves de Oliveira, a importância da mostra está em demonstrar e divulgar a fé das sociedades. “Ela acaba demonstrando que as pessoas têm fé, independente de região ou

classe, no que elas crêem e como essa fé pode criar coisas artísticas. Além disso, ela também divulga a própria fé como uma forma de persuasão”, explica.

Oliveira conta que a humanidade sente necessidade de desvendar as dúvidas da própria existência e, por isso as imagens são criadas.

O homem é o único ser que percebeu a finitude da existência e, a partir daí, desenvolveu perguntas como ‘Onde estou?’, ‘Por que estou aqui?’ e ‘Para onde vou?’. Essas perguntas, segundo o cientista

social, nunca serão respondidas ou comprovadas, então parte da vida sempre será um mistério.

O comerciante Gerson Ricardo Portes visitou a exposição e conta que observou a segmentação do público. “É uma exposição bastante procurada, mas percebi que a maioria das pessoas que estavam lá eram adultos. Além disso, ela é voltada para as religiões cristãs e o catolicismo é a minha religião, então eu acredito que esse tipo de trabalho fortaleça a crença”.

O período de visitação é de terça à sexta-feira, das 13h30 às 21h30, ou aos sábados, domingos e feriados, das 10h às 18h. A exposição é gratuita.

O SESC - Araraquara fica localizado na rua Castro Alves, nº 1315, no Centro da cidade,

## 10º Território da Arte abre oportunidade para novos artistas

Exposição é realizada anualmente e prêmio pode chegar a R\$ 2 mil

Repórter **Jéssica Palácio**

Em sua décima edição, a mostra de artes visuais “Território da Arte” de Araraquara apresenta trabalhos de artistas da cidade e da região. As obras dos artistas inscritos são selecionadas e ficam em exposição desde 8 de maio até 11 de junho. Neste ano, o tema da mostra é a Semana de Arte Moderna de 1922.

As obras são divididas em quatro categorias: Arte Moderna, Arte contemporânea, Arte Tradicional e Perspectiva Futura. Os prêmios podem chegar a R\$ 2 mil. As obras classificadas nas categorias Arte Moderna e Contemporânea ficam expostas no Teatro Municipal e Arte Tradicional e Perspectiva Futura estão expostas na Casa da Cultura.

Segundo a organizadora do evento, Rita

Michelutti, a mostra é uma forma de divulgar a obra e colocar o artista no mercado de trabalho. “A exposição é importante também para que sua obra seja valorizada”, diz.

Juty Oliveira é artista plástica, vencedora do Território da Arte de 2011 na categoria Arte Moderna. Neste ano fará parte da equipe de curadoria da mostra. Ela afirma que é difícil viver apenas de arte e que o artista tem que divulgar seu nome, mostrar seu trabalho e participar de exposições e salões de arte. Juty diz que no interior as pessoas não têm o hábito de comprar obras de arte, mas que uma boa opção seria a criação de galerias de arte na cidade.

A pintora e professora de desenho Itaiana Battoni, vencedora do Território da Arte de 2009 na categoria Arte Tradicional, confirma a importância de participar de exposições para divulgar sua obra e afirma que, em Araraquara,

faltam espaços voltados para a arte com exposições permanentes. A artista diz que a arte não é valorizada e que falta incentivo à produção artística.

Pietra Verbena é artista plástica e está inscrita no Território da Arte deste ano. Para ela, mostras como esta são fundamentais para a divulgação da obra, além de proporcionar a troca de conhecimentos com o público e com outros artistas. “O sucesso depende muito de talento e oportunidade. Não vivo da arte, vivo pela arte”, finaliza.



Juty Oliveira, vencedora da edição passada

# Bandas independentes da região nadam contra a correnteza para se manterem vivas

## Internet é a grande aliada na hora da divulgação dos novos trabalhos

Repórter **Matheus Carvalho**

Falta de grana, escassez de casas de show, desaprovção da maioria. Sobreviver no cenário independente do Estado de São Paulo é para poucos, mas mesmo com toda essa “correnteza”, as bandas de rock independentes nadam contra, e mostram que, com o apoio da internet e dos fãs, é possível se manter vivas na cena musical, apesar do império do pagode e do sertanejo nesta região.

Na região de Araraquara, por exemplo, três bandas vêm se destacando pelos trabalhos realizados recentemente. A banda Vegga, da cidade de Jaboticabal, já havia lançado seu videoclipe da música “Correnteza” no ano passado e, desde janeiro deste ano, está em fase de gravação do primeiro álbum. Para o vocalista Guilherme Constant, a internet é o principal meio de divulgação das bandas independentes. “É nossa principal ferramenta de trabalho e divulgação. Nos últimos tempos, a internet aproximou muito o público do artista”, diz. A saída contra o preconceito musical, segundo ele, é tocar em casas especializadas em um determinado estilo: “Em nossos shows, tocamos apenas em casas específicas, onde o público presente está lá para exclusivamente ver aquele tipo de proposta musical”, completa.

Outra banda independente que se destaca é a La Fúria, de Matão. A banda chegou a se classificar entre as 30 melhores, quando



**A banda “La Fúria” durante show na região**

mais de 45 mil bandas do Brasil foram inscritas no quadro “Olha Minha Banda”, do programa Caldeirão do Huck. Assim como a Vegga, o vocalista Thiago Carvalho, da La Fúria, afirma que também faz da internet sua principal aliada. “Tão fundamental quanto os shows, com certeza é a internet, uma ferramenta que veio para agregar e ajudar não só as bandas de rock, como também diversos outros estilos”. Estes outros esti-

los também fazem parte dos shows em que Thiago costuma tocar e consegue dividir o palco em clima de paz. “Acho que devido ao nosso trabalho ser sincero e de coração, a galera aprendeu a admirar e respeitar essas diferenças”, finaliza.

Na mesma “maré” das duas bandas citadas, quem faz sucesso com seu novo trabalho em Araraquara é a banda House Goes Down, do guitarrista Gabriel do Vale. A ban-

da lançou, em fevereiro, seu primeiro videoclipe e tem feito shows na região, conquistando fãs por onde passa. A receita, segundo Gabriel, é simples. “Gostar do que faz, e não criar a banda pra fazer sucesso ou ganhar dinheiro”, conta. Pela internet, Gabriel faz toda a parte de divulgação da banda: “A internet é importantíssima na divulgação de toda banda hoje. Datas de shows, lançamentos de músicas, discos, clipes, tudo é feito via Internet”, completa.

# Banda de Araraquara faz sucesso com cover de Oasis

## A londrina e a araraquarense Oasis revivem um momento de grande excitação do rock

Repórter **Rafael Zocco**

A banda Oasis surgiu em Londres, na década de 90, e foi uma das mais influentes e aclamadas da geração. Em 1994, o terceiro álbum lançado, “Definitely Maybe”, fez grande sucesso, sendo o terceiro mais vendido na história em uma semana no Reino Unido, ficando atrás apenas da banda ‘Arctic Monkeys’ e da cantora Leona Lewis.

Porém, por conta de brigas constantes entre os integrantes, rumores sobre a separação da banda começaram a surgir em outubro de 2009. Logo depois, em entrevista ao jornal britânico “The Times”, um dos integrantes confirmou os boatos e anunciou o fim do Oasis, deixando os amantes da banda entristecidos.

Em Araraquara, os amigos Luis Felipe Pinheiro (vocal), Rafael Lia e Luiz Lique (guitarras), Diego Hortenci (baixo) e Zé Bola (bateria) criaram a ‘Mucky Fingers’, banda cover do grupo inglês.

O guitarrista Rafael Lia conta que esse era um sonho antigo e que acabou se concretizando por acaso. “Eu e o Diego (baixista) começamos a curtir o som do Oasis juntos. Foi ele que me ‘apresentou’ a banda. Eu fazia parte de outro grupo, que recebeu o convite para tocar em um bar aqui da cidade, mas como os outros integrantes moravam em São Paulo, eles não poderiam vir. Para aproveitar o convite e fazer algo diferente, chamei o Diego, o Luis, o Lique e o Bola pra tocar”, conta.



**A banda inglesa é a inspiração para a Mucky Fingers de Araraquara**

Depois dessa apresentação repentina, a banda continuou tocando em bares e a aprimorar o som. “Agora estamos nos dedicando mais aos ensaios. E o plano é deixar tudo bem redondinho, desde os arranjos até as caracterizações, seja nas performances ao vivo, no modo de falar e se vestir. É como ver um cover de Beatles e os caras não tocarem de terno e gravata”, complementa.

Como fã, Rafael conta que já assistiu dois shows ao vivo da banda Oasis, em

2006 e 2009, mas que não acredita no retorno aos palcos. “Isso é difícil de responder. Os caras são simplesmente imprevisíveis! É complicado dizer se eles voltam ou não, mesmo porque cada um está aí com seus projetos”, enfatiza Lia.

Para o baixista Diego Hortenci, a banda trouxe grandes influências para a sua carreira musical, mas, também, de como encarar a vida. “Comecei na música e tive vontade de ter uma banda por conta deles. É comparável à paixão por

um time de futebol”, conta Hortenci.

O vocalista Luis Felipe enxerga na Oasis uma música simples e mostra as influências clássicas da banda britânica.

“É uma verdadeira releitura dos clássicos britânicos com uma pitada a mais de atitude e polêmica. Oasis representa uma catarse com exatidão e isso apaixonou, ainda que tenha que ser ingerida na sua forma mais crua. É o verdadeiro sashimi do rock”, analisa Felipe. A internet é o canal para mais informações.

# Festa de Corpus Christi de Matão terá tapetes ecológicos

Evento religioso é tradicionalmente conhecido e foi visitado por mais de 80 mil pessoas no ano passado

Repórter **Marcos Leão**

A tradicional Festa de Corpus Christi de Matão é nacionalmente conhecida por seus belíssimos tapetes que enfeitam 12 quarteirões da área central da cidade. O evento religioso, visitado em 2011 por mais de 80 mil pessoas, teve início na década de 40 e assumiu a proporção de atração turística com grande demonstração de fé.

Este ano, os organizadores prometem tapetes ainda mais coloridos e uma infraestrutura especialmente planejada para a ocasião, que acontecerá no dia 7 de junho. De acordo com o diretor do Departamento Municipal de Turismo, Wilson Cardoso, os preparativos para a festa já estão em andamento. “Tudo está sendo pensado com o intuito de proporcionar à população mato-nense e aos visitantes um ótimo dia de festa, sem transtornos ou complicações”, afirma.

Os materiais utilizados nas ornamentações serão a dolomita (mineral de carbonato de cálcio e magnésio), vidro moído e areia tingidos, não dispensando a possibilidade da utilização de materiais alternativos, como papéis e flores.

Além de ser conhecido como celebração da fé, o Corpus Christi é também oportu-

nidade de artistas mostrarem seu talento na confecção dos tapetes com obras próprias. O artista Elio Floriano, já participa pela 25ª vez e a cada ano surpreende com seus quadros. “Participar desse evento religioso e poder expor obras que agradam os visitantes é uma das melhores experiências artísticas da minha vida”, enfatiza.

Os turistas e fiéis que tradicionalmente dirigem-se para o município com o intuito de apreciar as ornamentações também podem participar de programas como o “Turista Artista”, onde o visitante ajuda na confecção dos tapetes acompanhado por monitores e o “Projeto Artista na Rua”, que consiste em um trabalho, no qual alunos de escolas municipais reproduzem obras de um determinado artista plástico em uma das quadras do trajeto.

## Ambulantes

Devido ao grande número de visitantes e à movimentação financeira, os trabalhadores autônomos se deslocam de várias cidades da região, como Araraquara, Jaboticabal, Dobrada, Taquaritinga, Monte Alto e até da Grande São Paulo.

Segundo o assessor fiscal Áureo Alves da Silva, 317 ambulantes retiraram o alvará em 2011; em 2012 a expectativa é

que esse número aumente para 400. “Todos os interessados, inclusive as pessoas de outras cidades, somente serão atendidas na Av. Daniel Antônio de Brito, no trailer da Fiscalização. Valerá a ordem de chegada e

a taxa de R\$ 70 será recolhida na hora”, ressalta Áureo. Serão disponibilizadas, durante o Corpus Christ, tendas com médicos e enfermeiros para atendimentos emergenciais e também banheiros químicos.



Artista Elio Floriano na festa de Corpus Christi 2011

# Igrejas evangélicas contribuem para formação de músicos

Cada vez mais os jovens se dedicam à música instrumental por influência da religião

Repórter **Viviane Prativiera**

As igrejas evangélicas tem sido grandes responsáveis pela formação de músicos, em especial os dedicados a instrumentos como violino, trombone, saxofone, clarinete e trompete.

Uma legião de músicos vem se formando nas igrejas protestantes, que por sua vez, apresentam a música como parte importante do culto e da forma de louvar a Deus. Muitos são apresentados à música pela primeira vez com esse intuito e depois pegam gosto e fazem da música a profissão.

O saxofonista Bruno Coelho é um desses músicos. Entrou na orquestra com o intuito apenas de louvar a Deus, mas viu seu amor pela música crescer a ponto de já planejar cursar uma faculdade de música. “Tenho muitos amigos que tocam em cultos e sempre gostei do som do saxofone. Juntou uma coisa com a outra e foi o suficiente”, conta. Bruno considera que a dificuldade é pouca se a dedicação é grande. “Há um ano eu comprava meu primeiro saxofone e começava as aulas. Hoje sou um dos músicos do culto de jovens da minha igreja”, conta, orgulhoso com o resultado de sua dedicação.

Se de um lado está a determinação e talento do aluno, de outro vem a influên-

cia dos professores, muitos também formados na igreja. João Roberto Fernandes é professor de música há 17 anos. Para ele, nos dias atuais o aumento pela procura dos cursos de música oferecidos pelas igrejas evangélicas está diretamente ligado à popularização dos instrumentos tradicionais. “Os mais procurados para se aprender a tocar são saxofone e violino”, diz João. Segundo ele, é cada vez maior o número de crianças interessadas em aprender instrumentos e alguns até começam bem cedo, com quatro ou cinco anos de idade.

Essa influência pode ser vista também na grande quantidade de músicos evangélicos junto a bandas que acompanham artistas em shows. Nesse mercado eles são vistos com bons olhos e a expressão “Esse cara é bom, vem da igreja” é muito usada para destaca-los dos demais.

Uma das mais tradicionais religiões evangélicas, que possui orquestra em todos os seus templos, foi criada em 1932. Seus seguidores acreditam ser o maior grupo do mundo, com aproximadamente 250 mil músicos. Além dos cultos, a igreja organiza aulas e ensaios musicais em suas dependências.

Foto Viviane Prativiera



O saxofonista Bruno Coelho

# Cidades mantêm tradição das quermesses

Tradicional festas ainda são lembradas e muito aguardadas no interior

Repórter **Vinicius Almeida**

Nas grandes cidades, o espaço para festas tradicionais é cada vez mais escasso. Em pequenos e médios municípios, como Tabatinga, Araraquara e Matão, as quermesses ainda são realizadas em bairros e comunidades, normalmente junto à festa da padroeira da paróquia, sempre com um vínculo religioso.

Em Tabatinga, a quermesse acontece no mês de outubro, junto à festa da padroeira Nossa Senhora Aparecida, no Jardim Pla-

nalto. O evento é realizado há 14 anos e já chegou a reunir 1.500 pessoas.

Segundo a aposentada Maria Olinda Giansante, que ajudou na fundação da capela e trabalha todos os anos na quermesse, as mudanças são inevitáveis. “Acredito que a cultura deve ser preservada e apesar das mudanças que as festas sofreram com o passar do tempo, sempre buscamos manter as tradicionais barracas de doces e as brincadeiras como pescaria e pau-de-sebo”, conta.

Na cidade de Matão, a quermesse é re-

alizada há 10 anos na igreja São Sebastião, no bairro Jardim Paraíso. Para Sérgio Aparecido Marques, que participa das comemorações desde o início, outro resultado importante que a festividade proporciona é a confraternização entre os moradores. “A comunidade se une para realizar a festa e matém a tradição cultural, que passa de pai para filho”, comenta.

Em Araraquara, a maior quermesse acontece na paróquia Nossa Senhora Aparecida, na Vila Xavier. Segundo o padre Nel-

son da Silva Ramos, a festa é realizada há 45 anos e recebe cerca de vinte mil pessoas.

O padre Ramos conta que outras festas são realizadas durante o ano, mas nenhuma com um apelo tão forte. “Com os recursos das quermesses é que a paróquia consegue fazer as reformas e ampliações necessárias”, cita o religioso.

A quermesse da Vila Xavier gera renda para a igreja e estimula a participação da comunidade que contribui com doações de prendas e da mão de obra para a festa.

# Jaboticabal capacita jovens para atuar nas bibliotecas

Objetivo é levar a cultura local e regional para famílias com menor acesso à cultura

Repórter **Gianfrancesco Bariani**

Raimara Menezes Silva, 18 anos, residente na cidade de Jaboticabal, tem uma vida como a maioria das pessoas da sua idade no período matinal. Porém sua rotina muda no período da tarde, quando se transforma numa agente de leitura.

Toda tarde, Raimara pega sua bicicleta e visita moradores da cidade, casa a casa, com objetivo de incentivar e propagar a cultura da cidade e região para a camada mais carente de Jaboticabal. “A função de um agente de leitura é proporcionar interação entre a cultura local e regional com a população da cidade”, explica Raimara.

Junto com mais 13 cidades da região, a cidade de Jaboticabal integra o CIC (Consórcio Intermunicipal Culturando). O objetivo é incentivar a leitura e a cultura regional de cada cidade. O consórcio está relacionado ao programa Mais Cultura, implantado pelo Ministério da Cultura.

A principal proposta do CIC é fomentar, de forma intensa e dinâmica, as atividades e saberes culturais regionais, sobretudo no que diz respeito às expressões enraizadas no rural-caipira. Para cada cidade da região, foi destinado um número de agentes de leitura, proporcional ao número de moradores. Jaboticabal, por exemplo, possui cinco agentes que disponibilizam seu tempo e atenção aos moradores da cidade.

De acordo com o Prefeito de Jaboticabal, José Carlos Hori, cada agente de leitura deve atender 25 famílias durante o ano. “A meta é levar esse conhecimento para as famílias que tem menos acesso a uma biblioteca, funcionando assim, como uma biblioteca itinerante”, explica Hori.

Segundo a Diretora do Departamento de Cultura do Município, Mônica Reino,



Foto Gianfrancesco Bariani

## Agente Raimara entrega livros para uma das famílias do projeto

os jovens escolhidos como agentes de leitura atuam na democratização do acesso ao livro e no incentivo à leitura. “Os agentes, por meio de visitas domiciliares, empréstimos de livros, narração de histórias, criação de clubes de leitura e saraus literários vão propagar a cultura local e regional nas camadas mais pobres da cidade”, aponta a diretora.

Os agentes receberam bicicletas, uniformes, mochilas e kits de leitura, que contém

desde literatura clássica e poesia até livros de autores da região. Cada kit de leitura vem com cem livros de diversos autores.

Segundo o responsável pelo Consórcio Culturando, Edemilson José do Vale, o consórcio oferece 60 agentes para atender as primeiras 13 cidades, “levando cultura e gerando emprego aos jovens da cidade”.

Enquanto isso, a jovem Raimara segue pedalando sua bicicleta pelos bairros

de Jaboticabal levando conhecimento à população, principalmente às crianças. “As crianças se animam com o fato de uma agente de leitura visitar suas casas para contar uma história”, enfatiza a agente. “É um trabalho muito gratificante. Atitudes como esta podem mudar a vida de muitas pessoas e eu fico feliz em participar de um projeto como este”, comentou.

## Público das bibliotecas aumenta na região

Empréstimo de livros e outros serviços movimentam bibliotecas

Repórter **Marcela Cioffi**

Em Jaboticabal (SP), os projetos de incentivo a leitura estão surtindo efeito. A prova está no relatório divulgado, na última semana pela Biblioteca Municipal. Os dados são animadores: apenas em dezembro do ano passado a biblioteca registrou 2.122 serviços de empréstimos de livros. Se comparado ao mesmo período de 2010, houve um aumento de 135%. Os dados de 2012 ainda não estão computados.

Segundo a diretora de Cultura, Mônica Reino, o aumento está relacionado principalmente à realização da 1ª Semana da Biblioteca e do Livro e ao Programa Viagem Literária. “Eventos e ações como essas atraem público de todas as idades para a Biblioteca. Lá, eles se deparam com o maravilhoso mundo da leitura e se interessam por levar livros para casa”. O Projeto Prazer em Ler também foi importante para conquistar os leitores.

Ainda de acordo com o relatório, de janeiro a novembro de 2011 o número de serviços envolvendo empréstimos, devoluções e renovações do prazo de leitura chegou a quase 15 mil. No mesmo período de 2010, os serviços somaram 6.880.

Para o Secretário de Educação, Cláudio Almeida, os funcionários têm grande importância nesse processo. “Tanto os funcionários da biblioteca como os professores têm papel fundamental no trabalho de incentivo à leitura. Eles convidam os alunos

para os eventos e estão sempre dispostos a auxiliar as crianças e jovens em suas descobertas literárias”, pontua Almeida.

“É importante ressaltar que a modernização do sistema de informática da biblioteca permite um efetivo controle de saída e devolução dos livros. O novo software viabilizou o cadastro de quase 20 mil livros que compõem o acervo”, explica a bibliotecária Karina Gimenes Fernandes.

### Mais leitores em Matão

Depois que mudou de prédio, a Biblioteca Municipal de Matão (SP) aumentou o acervo e agora dispõe de 26 mil publicações, entre livros, jornais, revistas e enciclopédias à disposição da população. Segundo a bibliotecária Sílvia Helena Caldas Frattine, nas férias de final de ano o movimento aumentou cerca de 100% e a expectativa é que a procura se repita nas férias de julho.

O acervo é renovado por meio de doações e de convênio com o Ministério da Cultura. “Os dados mostram que houve um aumento nas visitas; o resultado foi positivo para a biblioteca”, ressalta Sílvia.

Entre os livros mais procurados estão os “best sellers”, os livros mais vendidos no mercado editorial. “Nosso acervo é significativo, com uma grande variedade de gêneros, contando inclusive com lançamentos das melhores editoras”.

A Biblioteca Municipal de Matão também conta com um Centro de Inclusão Digital, implantado em convênio com o Ministério das Comunicações, que dispõe de computadores com acesso à Internet.



Foto Marcela Cioffi

Biblioteca de Matão conta com mais de 26 mil publicações

# Estações de trem tornam-se patrimônio cultural

Depois de anos de abandono, estações ferroviárias do interior transformam-se em espaços culturais

Repórter **Natália Pirola**

“Lá vai o trem sem destino, pro dia novo encontrar.” A canção de Heitor Villa Lobos retrata o cotidiano daqueles que tiveram sua vida ou parte dela construída sobre os trilhos dos trens.

As antigas estações ferroviárias, grandes ou pequenas, fazem parte da história da maioria das cidades paulistas. Elas foram responsáveis pela ocupação do território e formação de municípios. Também estão ligadas à imigração, ao processo de expansão do café como principal produto de exportação do país até os anos de 1930. Além disso, são patrimônios históricos que, por muito tempo, correram o risco de se deteriorarem definitivamente devido ao descaso.

Segundo dados do Conselho do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado (Condephaat), das mais de duzentas estações ferroviárias de São Paulo, apenas dezessete são tombadas como patrimônio público. A maioria das constru-

ções avaliadas no interior do estado está em condições precárias de conservação.

Ao longo da antiga estrada de ferro da Companhia Paulista, ligando Jundiaí à cidade de Colômbia, ao Norte, na divisa de São Paulo com Minas Gerais, por onde circulavam luxuosos trens de passageiros no século passado, o que se via há pouco tempo atrás eram apenas estações desativadas, deterioradas pelo tempo e abandonadas.

Esse cenário, no entanto, vem mudando. As antigas estações estão recebendo um novo destino, transformando-se em museus e centros culturais.

A estação de São Carlos, a maior e umas das mais importantes da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, funcionou como estação ferroviária até 15 de março de 2001, quando partiu o último trem de passageiros com destino a Araraquara. A estação, sem funcionalidade no município, ficou desativada até 2003, quando passou a abrigar um centro cultural, administrado pela prefeitura. Hoje, abriga a Fundação

Pró-Memória de São Carlos com três unidades: Arquivo histórico e público de São Carlos, Patrimônio Histórico e Arquitetônico e Pesquisa e Divulgação.

Segundo a Coordenadoria de Cultura, a estação e a fundação são abertas a visitação pública com encontros de antigos ferroviários e saudosistas.

A estação ferroviária de Araraquara foi construída em 1912 e deixou de funcionar juntamente com a estação de São Carlos. Hoje deu lugar ao Museu Ferroviário Francisco Aureliano de Araújo. Ela permaneceu desativada no período de 2001 a 2008 quando foi construído o museu, mas somente em agosto de 2011, com a reinauguração, o espaço foi aberto à visitação. “Foram investidos mais de R\$ 100 mil para que os araraquarenses e turistas pudessem conhecer uma parte da história de nossa cidade que, a exemplo de tantas outras, cresceu e se desenvolveu com a chegada da ferrovia”, diz o gerente administrativo do museu, César Augustoni.

Augustoni conta ainda que para a criação do museu foram realizadas parcerias com a Associação de Ferromodelismo de Araraquara (ARA), a Associação Brasileira de Preservação Ferroviária (ABPF) e com o Centro Universitário de Araraquara (UNIARA). Segundo o gerente, o museu não tem importância econômica para o município, mas há um projeto que visa desenvolver passeios turísticos, gerando rentabilidade.

A estação de Barretos, assim como a de São Carlos, também teve suas instalações transformadas em centro cultural. Inaugurada no início do século XX, funcionou até 2003, quando foi desativada devido à retirada dos trilhos que cortavam a cidade. Passou por restauração no ano de 2008, a partir daí foi denominada Estação Cultural Placidino Alves Gonçalves.

Segundo Claudio Luís Ubeda, responsável pelo Departamento de Cultura, a restauração foi feita inteiramente pela Prefeitura que gastou cerca de R\$ 800 mil para que a cultura do município fosse resgatada. “A Estação ainda não funciona como ponto turístico, no entanto, temos o prazo de um

mês para fazer as adequações necessárias para a realização de atividades que divulguem nossa cultura local”, explica Ubeda.

Seguindo o exemplo das outras cidades, Bebedouro deu à sua antiga estação o mesmo destino. Foi fechada e abandonada no final dos anos 90, em 2004 foi restaurada e reinaugurada pela Prefeitura como Memorial dos Ferroviários, transformando-se hoje em um centro cultural, onde são realizadas exposições, shows e feiras de artesanato.

Já Jaboticabal, assim como Araraquara, decidiu transformar sua estação em museu. Depois de desativada para circulação de trens de passageiros, a estação foi usada por muito tempo como sede da Justiça do Trabalho e o prédio foi, com isso, descaracterizado.

A reportagem do **Vitral** ouviu o idealizador do projeto que pretende instalar no prédio o Museu Ferroviário “David Britto”. Antonio Sérgio Britto conta que o museu deve ser inaugurado em meados de julho e receberá o nome em homenagem a seu pai, ex-ferroviário. Britto revela que a ideia de construção do museu partiu de vários colecionadores de objetos ferroviários. O projeto foi elaborado e depois apresentado ao prefeito de Jaboticabal que o aprovou. As obras de revitalização da antiga estação custarão cerca de R\$ 80 mil. “Grande parte do acervo que será apresentado pertence a nós, colecionadores; decidimos expor para a população como forma de resgatar nossa história e transmiti-la às futuras gerações”, explica.

Infelizmente, o que se vê na estação de Colômbia não é nenhum museu, centro cultural ou sinal de respeito ao patrimônio histórico do município. São apenas trilhos cobertos por mato e os armazéns desertos com suas portas quebradas. Segundo o assessor de turismo do município, Bruno Lima, o descaso com o local se deve à paralisação do transporte de cargas e à falta de iniciativa de antigos governos. Lima revela que existe um projeto para a recuperação da estação, mas que ainda não foi viabilizado. Enquanto isso, a população continua assistindo parte da memória do município ser apagada pelo descaso.



Estação Férrea e Museu Ferroviário de Araraquara

Foto Jéssica Palácio

# Arroz e feijão são os favoritos nas mesas do país

No entanto, nem sempre a combinação foi unânime na alimentação do brasileiro

Repórter **Artur Francischi**

Comer arroz e feijão é um hábito de quase todos os brasileiros. Afinal, quando se pensa num prato mais comum nas mesas de nosso país, o arroz e feijão são, de longe, os primeiros. Para saber como eles foram introduzidos no nosso dia a dia, temos que voltar no tempo, ao descobrimento do Brasil.

“O arroz foi trazido para o Brasil pelos portugueses e o feijão já era consumido pelos índios”, explica o gastrônomo Gustavo Pelatti. “No entanto, eles nem sempre foram a combinação mais famosa na mesa do brasileiro. O feijão com farinha de mandioca era mais comum. O arroz com feijão começou a ganhar o gosto do povo com a urbanização do Brasil, principalmente entre as famílias ricas e de classe média”, revela.

Desde então, o prato virou a cara do Brasil. “Essa combinação ficou muito popular por aqui, também, devido ao fato de, além de ficarem muito saborosos juntos, o arroz e o feijão se complementarem em quesitos nutricionais. Seria mais ou menos assim: o que falta em um, o outro complementa”, conta Pelatti.

Hábito comum de quase toda a população, as pessoas comem o arroz com feijão,

mas não ligam tanto para as origens. “Comer arroz e feijão nas refeições é parte da rotina e da tradição dos brasileiros”, conta a operadora logística Fabiana Stefanini Ribeiro. “Eu adoro e como sempre, praticamente todos os dias. Não consigo nem pensar num prato mais brasileiro do que esse. Faz parte da nossa identidade cultural.”, explica.

Já o estudante de Administração Renan Castilho revela que também gosta do prato, mas acredita que é mais o tradicionalismo que leva as pessoas a consumirem o arroz com feijão todos os dias. “Eu como isso desde pequeno, é cultural. Meu avô sempre comeu, meu pai sempre comeu... Todo brasileiro acaba comendo, porque é a cara do nosso povo. Eu, particularmente, gosto, mas conheço gente que não gosta, mas come. Não porque eles não têm outra opção, mas porque sempre comeu e virou hábito”, explica.

“É exatamente pela tradição, e pela perfeita combinação nutricional que mantêm o arroz e feijão titulares absolutos no prato do brasileiro. Além de ser uma saborosa combinação, ela dá sustento que dura bastante, especialmente para pessoas que usam a força para trabalhar”, conclui o gastrônomo Gustavo Pelatti.



Foto Artur Francischi

Fabiana acredita que não há prato mais brasileiro do que este